

# **A INFLUÊNCIA DA GINÁSTICA CIRCENSE NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DAS CRIANÇAS**

DARA OLIVEIRA NUNES

## **RESUMO**

O respectivo artigo vem trazer informações sobre a evolução da ginástica e sobre as práticas circenses no mundo, procurando entender suas relações e divergências no espaço-tempo, fazendo uma análise sobre o impacto destas modalidades no desenvolvimento motor da criança, em diversos aspectos. Foi realizada neste documento uma revisão sistemática de literatura, na qual foram estudados 6 artigos, datados a partir do ano de 2000, de classificação Qualis de B em diante. Observou-se que existem poucos trabalhos e pesquisas ligados a este tema especificamente, parte devido ao início recente do crescimento que a ginástica circense vem ganhando, levando, assim, a uma falta de metodologia continuada e sistematização de conteúdos. Porém, esta modalidade é eficaz para as crianças, agregando positivamente por possuir grande abrangência de trabalhos motores, favorecendo no ganho de força, flexibilidade, consciência corporal, coordenação, além de agregar significativamente a fatores cognitivos e sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Circo. Ginástica Circense. Desenvolvimento Motor.

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste estudo é analisar como a vivência dos elementos gímnicos, ou seja, elementos provenientes das diferentes formas de ginástica podem influenciar no desenvolvimento motor das crianças no período final da infância, de acordo com Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), ou seja, de 6 a 10 anos. Para isso iremos trazer algumas definições sobre o que são os elementos gímnicos, onde podemos encontrá-los, analisar o que é o desenvolvimento motor, como o desenvolvimento ocorre na infância e estudar como os elementos gímnicos se impactam no desenvolvimento motor de crianças.

Como citado anteriormente, na fase final da infância, tratando-se da idade dos seis aos dez anos, podemos observar uma desaceleração dos ganhos de peso e altura se comparado com os anos antecedentes, porém começamos a notar um grande aumento das capacidades motoras e

sensoriais. Este momento é marcado pelo gradual desenvolvimento da coordenação e percepção corporal da criança, uma vez que esta estará aprendendo a descobrir seu corpo e como ele funciona (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

Com base nisso, iremos analisar como ocorre o desenvolvimento motor da criança. Podemos compreendê-lo este como "a mudança contínua do comportamento motor ao longo do ciclo da vida, provocada pela interação entre as exigências da tarefa motora, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente" (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013, p.21).

Segundo Oliveira (2007), a grande maioria das crianças nos dias atuais está vivendo o que chamamos de analfabetismo motor. Isso ocorre pelo fato de haver maior preocupação com as capacidades cognitivas do que com as capacidades motoras, que vêm ficando cada vez mais em segundo plano, deixando assim as crianças com carência nessa área e não vemos o quanto isso pode acabar sendo prejudicial para o futuro delas.

Uma das formas de atividades físicas que podem ser muito úteis no desenvolvimento motor das crianças é a Ginástica. Esta modalidade, uma das mais antigas que existem, demorou a ter esta definição própria. Antigamente, entendia-se por ginástica toda forma de atividade física sistematizada, ligada tanto aos jogos, às lutas e às preparações dos soldados, quanto às atividades básicas para nossa sobrevivência (PAOLIELLO, 2011).

Atualmente ainda procuramos por um conceito específico sobre esta modalidade, porém observamos que ela possui um grande alcance e uma grande abrangência, o que dificulta restringi-la a algo único. Sendo assim, ela passou a ser classificada de acordo com suas atuações: Ginásticas de Competição, Ginásticas de Condicionamento Físico, Ginásticas de Conscientização Corporal, Ginásticas Fisioterápicas e Ginásticas de Demonstração (PAOLIELLO, 2011).

Mas, apesar da importância de se vivenciar os elementos gímnicos para o melhor desenvolvimento das crianças, não apenas nos jogos e brincadeiras entre colegas e familiares, mas também da necessidade de sua aplicação no âmbito escolar, esse campo tem se tornado mais ausente do que imaginamos, mesmo sendo um conhecimento clássico da área da Educação Física (PIZANI; BARBOSA-RINALDI, 2010).

A ginástica sempre foi uma das práticas mais abordadas na sociedade, em diferentes contextos, “Nenhum entusiasmo específico, nenhum grande escala em torno desse nascimento, todavia, seus efeitos transformaram, em certo momento, os aprendizados das escolas e das forças armadas.” (VIGARELLO, 2003, p.10). Contudo, ela vem enfraquecendo e diminuindo com o passar do tempo. Portanto, devemos rever a carência deste aprendizado tão importante e o porquê ela tem sido tão deixada de lado em grande parte dos ensinamentos atualmente (OLIVEIRA, 2007). Será que a alta influência das mídias leva as crianças a essa considerável estagnação ou talvez haja uma falta de estímulo e motivação tanto dos pais e familiares quanto dos próprios professores?

Outra modalidade historicamente conhecida que vêm dividindo espaço com a ginástica é o circo, considerado como um fenômeno artístico-cultural. Ambas as práticas com o passar dos tempos permeiam nossa sociedade, andando lado a lado a maior parte do tempo, havendo em alguns momentos certos distanciamentos ocasionados por fatores como divergências socioculturais e até mesmo características político-econômicas. Entretanto a semelhança existente entre elas nos levar a pensar que elas partilham dos mesmos princípios, o que permitiu que elas continuassem a se manifestar apesar de tudo (BORTOLETO, 2010).

Acredito que a ginástica deveria ser enfatizada na infância, onde poderia existir um maior contato com esta modalidade, pois a prática da ginástica pode gerar diversos benefícios como prevenção de desvios posturais, aumento da mobilidade que paramos de desenvolver com o tempo, ganho de consciência corporal e muito mais que poderá vir a ser útil para nossas vidas diárias.

## **COMPREENDENDO A INFÂNCIA**

Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), durante o início da infância, as crianças ainda estão descobrindo seus corpos e capacidades, por isso a aplicação de diversas brincadeiras se torna importante neste período, não apenas com o intuito de divertir, mas principalmente como uma forma de possibilitar para elas novas situações e experiências. Também é observado

que a criança possui uma tendência egocêntrica, uma vez que ela ainda não desenvolveu sua capacidade afetiva, ou seja, de percepção do outro e do mundo, considerando sempre o seu ponto de vista como verdade.

Porém, quando nos voltamos mais para a fase final da infância, podemos observar um aprimoramento das capacidades afetivas, cognitivas e psicomotoras. A partir deste momento as crianças passam a se tornar mais curiosas com o mundo a sua volta, passam a ser também mais observadoras e adquirem maior respeito e responsabilidade com o outro, deixando de pensarem apenas nelas mesmas e passando a enxergar o coletivo (GALLAHUE, OZMUN, GOODWAY, 2013).

Durante a infância a criança passa por diversos processos internos contínuos que influenciam no seu comportamento, como processos neurais, habilidades perceptuais, entre outros. De acordo com Bee e Boyd (2011), um destes processos fundamentais é conhecido com mielinização, que consiste na produção das bainhas de mielina, que por sua vez tem como função envolver os neurônios, auxiliando na condutividade dos impulsos elétricos.

A mielinização exerce um papel importante em vários aspectos do desenvolvimento, sobretudo nas áreas de associação, como por exemplo, em se tratando das habilidades cognitivas, acredita-se que pode gerar uma eficaz concentração e foco da criança nas tarefas principais, além do avanço significativo da memória, adquirindo ligação com a memória de longo prazo e a crescente aceleração da produção de informação. Mas, em se tratando das habilidades motoras, as regiões que são responsáveis no cérebro pelos movimentos ainda não estão completamente mielinizadas antes dos seis anos aproximadamente (BEE; BOYD, 2011).

Podemos considerar que o crescimento e o desenvolvimento são inerentes ao ser humano, porém existem algumas condições que podem interferir em como estes ocorrerão. Alguns destes fatores para Gallahue, Ozmun, Goodway (2013), por exemplo, são a nutrição e a atividade física. Há uma significativa quantidade de doenças que podem vir a afetar o crescimento físico da criança, muitas delas são frequentemente associadas à má nutrição, tanto ligado à falta de nutrientes como os possíveis excessos prejudiciais, principalmente no início da vida. O segundo fator citado pelos autores está relacionado aos exercícios físicos, sendo observado que a prática de atividade

pode gerar um alto desenvolvimento não apenas do crescimento, mas também das capacidades motoras, porém algumas práticas que acabam tendendo ao extremo podem não gerar bons resultados para o crescimento.

Magill (2000) fala sobre a influência do meio para o desenvolvimento das capacidades e habilidades humanas, como as diferentes atividades requerem distintas habilidades, além do mais, ele ressalta a importância da necessidade de se desenvolver essas habilidades no que ele chama de ambiente “aberto”, onde se permite uma maior liberdade para posteriormente haver o aprimoramento daquela determinada função. Segundo citado pelo autor no livro “aprendizagem motora: conceitos e aplicação”, as habilidades consistem em “uma tarefa com uma finalidade específica a ser atingida” (MAGILL, 2000, p. 06). Algo que está diretamente ligado e que não poderia deixar de ser relacionado às habilidades são os movimentos, definidos como “o comportamento de um membro específico ou de uma combinação de membros”. Não podemos desenvolver as habilidades sem usufruir dos movimentos.

Um dos fatores que foi analisado no trabalho visando à melhoria e aprimoramento das habilidades físicas foi à variabilidade das práticas. Foi analisado a interferência decorrente da mudança de padrões e de cenários e os resultados apresentaram que essa variabilidade proporciona ao indivíduo uma melhora no seu desenvolvimento, não apenas nas funções motoras, mas também nas funções cognitivas e sensoriais, impulsionando-o a criar novas estratégias e soluções, assim, aumentando suas capacidades de percepção, tendo de raciocinar e utilizar outras “ferramentas”, como a utilização de outros movimentos, deslocamentos, intensidades, entre outros dependendo da atividade executada, a partir de conhecimentos previamente aprendidos (MAGILL, 2000).

## **GINÁSTICA CIRCENSE NA INFÂNCIA**

Na infância, devido aos processos de desenvolvimento internos pelos quais o ser humano passa e aos constantes estímulos ao seu redor, acaba-se observando uma grande facilidade de aprendizagem, tendo influências especialmente nos aspectos motores e emocionais (DE MARCO, 2010).

No estudo sobre a metodologia e o conteúdo da Ginástica e sua aplicação, principalmente no Brasil, De Marco (2010) aponta que uma das possíveis razões de a ginástica, assim como demais esportes, não vir a ser tão difundida está relacionado ao velho tabu sobre gêneros. O autor também aponta que a ginástica pode auxiliar para que haja uma maior conscientização deste tema para crianças e jovens.

Ainda para De Marco (2010), a ginástica não tem apenas influência no quesito motor, ela também exerce o cargo de retratar muitas vezes a realidade social do meio onde a criança vive, estimulando o senso de cooperação e competição, fatores que constantemente nos cercam. A forma como ela aprenderá a lidar com as vitórias e as derrotas que surgirão afetará possivelmente o seu funcionamento neural, caso não seja trabalhado pelos pais e profissionais o como lidar com a ansiedade e o medo a criança armazenará experiências ruins que implicarão no comportamento posteriormente.

Na percepção de Russo (2010), a Educação Física aplicada pelos profissionais está muito voltada diretamente ao corpo, dissociado da mente e de demais elementos que compõem o ser humano. Essa visão do corpo-objeto, termo usado pela autora, está ligada a sociedade atual, o capitalismo, que enxerga o corpo com um propósito útil ao trabalho, como mão de obra.

Por conta desta visão capitalista acaba-se aplicando este mesmo trato com as crianças, buscando a perfeição, a execução determinada correta de atividades e movimentos, deixando de lado muitas vezes a individualidade biológica, as características e habilidade de cada ser, dando pouca vazão para a liberdade de expressão e as criações, onde possibilitaria para a criança possivelmente possuir pleno desenvolvimento das suas capacidades. A Atividade física também perdeu parte de seu objetivo, que orientava a prática pela prática, ou a prática pela qualidade de vida, assumindo um caráter mais competitivo (RUSSO, 2010).

Na questão do desenvolvimento motor, a ginástica traz muitas experiências para as crianças, mas também existe outra modalidade que vem sendo semelhantemente difundida, apesar de não ser igualmente reconhecida ao longo dos anos: o Circo. Apesar de seguirem linhas diferentes durante a

história, elas acabam muitas vezes compartilhando de princípios visivelmente semelhantes (BORTOLETO, 2010).

Os relatos históricos nos mostram que ambas as práticas são conhecidas há muitos anos, mas apresentando sempre divergências que as impedem de caminhar juntas. Contudo, segundo, devido ao modernismo, a ginástica passou a ser amparada à ciência, tendo seu foco concentrado na saúde e qualidade de vida, na preparação física, se tratando de uma prática sistematizada e reconhecida como esporte. Já o circo é um fenômeno artístico, usado para entreter, retratar a sociedade, difundir temas político-sociais, na maioria das vezes com o intuito de impactar, tanto quanto aos temas abordados quanto em suas atividades físicas, buscando sempre algo melhor, um maior grau de dificuldade, ou seja, basicamente, ultrapassar limites imprevisíveis (SOARES, 2001b apud. BORTOLETO, 2010).

Porém, segundo Bortoleto (2010), cada vez mais é observado certa reaproximação entre o circo e a ginástica novamente, reflexa de determinado empenho entre elas, em função das necessidades da sociedade de hoje. O circo sofreu muitas mudanças desde a modernidade, aceitando melhor a ciência e as práticas sistematizadas, trazendo cada vez menos riscos, preservando o corpo, sem nunca perder suas raízes do circo tradicional, que consiste da estética, do encanto, da beleza artística. Juntamente a isso, a ginástica mostra-se a cada dia mais interessada e aberta a aderir às características mais artísticas e expressivas, já que permaneceu muito tempo atrelado à técnica.

Entendemos que "Desde a mais remota forma de vida humana na Terra, atividades físicas são praticadas por inúmeras razões e necessidades." (SANTOS et al., 2012, p. 57). A Educação Física vem crescendo e ganhando espaço e reconhecimento ao longo dos anos, de certa forma vagarosa, porém constante.

Segundo Santos et al. (2012), na antiguidade, num tempo muito distante, além do que podemos imaginar, onde o mundo não apresentava nenhuma semelhança com a realidade em que vivemos hoje, não havia necessidade de se pensar nas atividades físicas. Basicamente, o conhecimento que se tinha das práticas corporais era voltado às danças, usadas em rituais e para expressar sentimentos em virtude de determinados acontecimentos, como nas

colheitas, nascimentos, entre outros (OLIVEIRA, 2014, p. 14-15 apud SANTOS et al., 2012).

Com o passar dos anos, onde a sociedade começou a tomar forma, dividindo territórios, ocorrendo a separação de classes sociais, criando desavenças, enfim, aproximadamente neste período foi o momento onde começou-se a pensar na prática de atividade, voltada aos trabalhos pesados e treinamento de guerras para conquista e dominação de terras (SANTOS et al., 2012)

Santos et al. (2012) prossegue dizendo que muito futuramente a esse período, as atividades físicas começaram a manifestar novas feições, adquirindo novas conotações, inicia-se a introdução das competições, nesta época iniciou a formação e o desenvolvimento dos esportes e dos jogos, agentes que de certo modo auxiliaram na formação da humanidade, assessorando a criação de regras e leis, que contribuíram nas relações sociais e intervieram nos aspectos comportamentais entre os povos.

Posteriormente a arte começou a surgir, muitas vezes retratando os contextos histórico-sociais, por meio dos teatros, da música e, inclusive, do circo, através do lúdico e dos jogos. "Esta é outra relação possível - e necessária - entre o circo e a Educação Física, já que tanto um quanto outro compõem tipos diferentes de jogos e estão, nesse sentido, presentes no cerne da formação social de qualquer cultura." (SANTOS et al., 2012, p. 60). Observa-se que o circo e a Educação Física possuem constante entrelaçamento durante a história.

Medina (2013) nos desperta uma reflexão sobre a "cultura do corpo", como ele menciona em seus escritos. O autor relata sua insatisfação pela interpretação e significância instituída à educação física e demonstra sua apreensão com a orientação de esta área possa vir a adotar. "A arte e a ciência do movimento humano que, por meio de atividades específicas, auxiliam no desenvolvimento integral dos seres humanos, renovando-os e transformando-os no sentido de sua auto realização" (MEDINA, 2013, p.81).

Para o autor Medina (2013), o enaltecimento que a sociedade atual, o mundo tecnológico, deposita sobre o desenvolvimento do pensamento e a evolução intelectual, acabam-se frequentemente ocorrendo uma desvalorização das expressões emocionais e corporais. Devido a isso ele



propõe que deve haver uma revolução, uma mudança urgente para trazer novamente uma conscientização global sobre o corpo como um todo. "Assim sendo, essa revolução cultural é um projeto a ser abraçado por todos aqueles que começam a perceber que é imperativo recuperar o sentido humano do corpo" (MEDINA, 2013, p. 18).

Somme e Camargo (2016) apontam que o desenvolvimento humano e a aprendizagem podem ocorrer em diversos espaços, todo ambiente que seja propício a ofertar experiências onde as crianças e os jovens tenham a oportunidade de desvendar e expandir sua percepção de mundo. Uma das análises do trabalho realizado na Instituição de Incentivo às crianças e adolescentes (ICA), voltou-se para o contato com as manifestações artísticas e o com elas são capazes de despertar sensações e auxiliar nas situações viventes do cotidiano de cada um. Dentre estas manifestações, o trabalho teve maior foco para com o circo, observado que este já havia ganhado espaço e estimulado aos jovens.

Vários fatores se tornam necessários nas práticas circenses. "O domínio das técnicas do circo exige do grupo o exercício da confiança, do equilíbrio, da força, da concentração, do foco e da agilidade que, simultaneamente, produz a beleza do movimento e a produção coletiva." (SOMME e CAMARGO, 2016, p. 171). O circo requer do indivíduo sua capacidade de raciocinar e solucionar problemas trata-se de uma atividade constantemente desafiadora que está sempre exigindo do ser a superação em ultrapassar seus limites, isso ocorre a partir de níveis, aonde as habilidades frequentemente vão adquirindo aprimoramento por consequência do maior grau de dificuldade, desde as tarefas simples até as mais difíceis, fazendo assim com que se desperte a criatividade na busca para solucionar os desafios e desenvolver a percepção do seu próprio corpo e suas potencialidades, reconhecendo não apenas o corpo e as destrezas físicas, mas também notar a influência que as atividades circenses exercem no emocional e social.

Tendo em vista alguns dos fatores apresentados anteriormente, o autor De Marco (2016) nos deixa o questionamento da implementação das atividades circenses dentro da educação infantil, compreendendo o como esta prática pode favorecer o desenvolvimento da criança e trazer melhoras significativamente positivas a elas. De Marco (2016, p. 203) ressalta que

"atividades circenses podem consistir em efetiva estratégia pedagógica para que as crianças sejam estimuladas em seus aspectos motores, cognitivos, sociais, afetivos e sociais e, porque não dizer, também culturais". O autor deixa explícito para ele a relevância que esta prática tem nesta etapa da vida, pelo fato de a criança ainda estar em processo de formação, ou seja, é o momento para trazer a elas diversas experiências e situações para que haja uma estipulação para as habilidades motoras (finas e grossas), entre outras, aproveitando da participação em atividades lúdicas e estimulantes.

Há questionamentos acerca da existência e da evolução do circo atualmente, se ele ainda atinge grandes dimensões ou se ocorreria uma diminuição desta atividade. Porém, como apresentado por Maekawa (2006) em seu trabalho de conclusão de curso para a faculdade da UNICAMP, o que vem ocorrido é a diminuição dos circos chamados tradicionais, nos moldes antigos em que conhecíamos como os circos de lona, onde ainda eram utilizados nas apresentações os animais e, na maior parte das vezes, tendo seus membros formados por uma família, deste modo, todos os conhecimentos e aprendizados eram passados de geração a geração sucessivamente. Hoje o circo, assim como tudo no mundo, sofreu mudanças e necessitou adotar uma postura mais contemporânea, de acordo a atender as necessidades e características que demandam a nova sociedade, para poder sobreviver. Podemos observar a aderência das modalidades circenses nas multimídias, além do surgimento das escolas de circo.

## **METODOLOGIA**

A metodologia deste trabalho será realizada a partir de uma revisão sistemática de literatura onde serão utilizados para embasamento desta pesquisa textos datados a partir de do ano de 2000 em diante, devido ao aumento significativo destes estudos a partir deste período, como evidenciado por (BARRAGÁN; BORTOLETO; DUPRAT, 2013).

As buscas destes trabalhos foram realizadas em diferentes locais, tanto virtuais como físicos, sendo eles o Google Acadêmico, a biblioteca da faculdade da FEFISO, o Scielo, o Journal Of Physical Education e revistas

como Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Movimento, Revista Pensar a Prática, Revista Motriz e Revista Motrivivência. As coletâneas de palavras chaves de busca principais e mais empregadas são: infância, ginástica, circo, desenvolvimento motor, atividades circenses.

Utilizamos para análise 6 artigos das seguintes Revistas: Movimento, Pensar a Prática, Revista Motriz e Motrivivência. As revistas selecionadas possuem classificação: Qualis de B em diante.

## **RESULTADOS**

No artigo “O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no Brasil”, Tucunduva e Bortoleto (2019) relataram a pesquisa de campo quali-quantitativa realizada com docentes da Educação Física acerca do ensinamento das artes circenses na Formação de Professores de Educação Física (FPEF) objetivando analisar as razões da implementação do circo na EF. Participaram da pesquisa 30 professores universitários, com idade entre 29 e 70 anos, que ministravam a temática circo dentro de cursos de graduação em EF, possuindo breve ou longa experiência na FPEF, tanto em instituições privadas com em públicas. Dentre os participantes da pesquisa, apenas 5 regem disciplinas focadas especificamente no circo, considerados especialistas, estes realizaram uma entrevista mais aprofundada. Foram divididas em categorias e subcategorias os resultados das pesquisas dos participantes, os mais abordados foram: 1º Aspectos socioculturais e históricos do circo (Circo como legado sociocultural; Ampliar o acesso aos saberes circenses; História da Educação Física; A história do circo na sociedade) e 2º Objetivos de aprendizagem com o circo na EF (Habilidades motoras; Experiências corporais e motrizes; Desafios e valores educacionais; Atividade lúdica). A conclusão final do estudo aponta que o circo trabalha a favor da diversidade, do desempenho das capacidades e habilidades do praticante, além de estimular a criatividade e, com isso, despertar o interesse dos alunos, contudo, por ainda estar procurando reconhecimento, falta uma base pedagógica para apoiar essa modalidade, sem deixar de lado a arte e poesia que ele traz historicamente.

“Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: um relato de experiência” de Takamori, Bortoleto, Liporoni, Palmen e Di Cavallotti (2010) traz o ensaio realizado em Mauá (SP) no “Programa de Criança”, projeto financiado pela Petrobrás, onde foram realizadas práticas circenses nas aulas extracurriculares. O projeto foi administrado por dois professores e um estagiário e contou com a participação de 230 crianças (entre vespertino e matutino) com idade entre 6 e 15 anos. Observou-se certa discriminação dos alunos, em forma de facécias, com relação à atividade a ser realizada, porém isso diminuiu a partir do abarcamento delas nas aulas. Nas aulas as crianças tiveram a possibilidade de experimentar todas as práticas (equilibrismo, malabares, acrobacias, interpretação e mágica), cada aula era inserida uma nova modalidade e/ou objeto, permanecendo um período de tempo em cada estação, os alunos eram divididos em grupos de ajuda e de execução, aprendendo a nova atividade, retomando a antiga, sendo capazes de realizar e de auxiliar os colegas, promovendo apropriação delas pelas diferentes modalidades e desenvolvendo respeito mútuo. Após análise ao final do projeto, houve a conclusão que nos mostrou a eficácia da atividade circense para as crianças, sendo observado o senso de coletividade adaptabilidade de todos perante as práticas, não houve exclusão nem tão pouco uma supervalorização de nenhum indivíduo. Além de desenvolver autonomia e cooperação dos educandos, “as atividades circenses possibilitam a relação entre as dimensões cognitiva, física, afetiva e sociais” (TAKAMORI; BORTOLETO; LIPORONI; PALMEN E DI CAVALLOTTI, 2010, p. 11).

Fernandes e Martins (2008), em seu artigo “Circo da Escola: uma experiência de Estágio Supervisionado em Educação Física no 1º Ano do Ensino Fundamental” utilizaram como cenário de sua pesquisa uma turma de 1º ano, sendo 20 alunos com idades entre 6 e 7 anos, escolheram então, afim de estimular a imaginação das crianças o “Circo, com práticas corporais que promovessem o equilíbrio, algumas habilidades motoras, acrobacias mais simples, brincadeiras, etc.” (Fernandes e Martins, 2008, p. 2). Pretendia-se com este estudo trazer para as crianças as experiências de se movimentar, de conhecer o seu corpo, percebendo e descobrindo habilidades e dificuldades. Após a finalização do estágio, Fernandes e Martins (2008) relataram uma experiência positiva dos alunos, havendo receptividade ao tema, uma vez que

a temática que a professora de sala estava anteriormente abordando em aula interligava com o tema circo. As aulas eram muito flexíveis, já que esta prática não possui regulamentos ditados, assim foi possível adaptar as atividades ao decorrer da aula, de acordo com a necessidade da turma e utilizando idéias criativas propostas por eles. Outro ponto chave da conclusão foi a necessidade que observaram de haver mais estágios como estes, visando o crescimento profissional que este riquíssimo momento possibilita.

O Projeto de Extensão “Alegria” da FCT/UNESP, vivificada desde 1999, é o cenário do artigo de Vendruscolo (2009), “O circo na escola”. Realizada com atividade extracurricular, este projeto envolveu 20 crianças de 3ª e 4ª série, selecionadas conforme a decisões dos docentes responsáveis. A autora enfatiza que o artigo não visa implantação de um novo currículo ou questiona o atual, mas visa “inserir o universo circense na realidade escolar como um recurso pedagógico, intervindo nas relações de valores” [...] “a fim de colaborar para o desenvolvimento global da criança.” (VENDRUSCOLO, 2009, p. 729-737). Os objetivos propostos foram alcançados e reconhecidos pelos pais, professores e instituição, observando resultados positivos na aprendizagem, na desinibição e na conduta dos alunos, em âmbito escolar e familiar, além de desenvolver um senso de apoio mútuo entre eles. Em sua conclusão, aponta que não somente a atividade circense é capaz de proporcionar esse desenvolvimento, mas sim o fator lúdico, a alegria para incentivar os alunos.

Barragán, Rodrigues, Spolaor e Bortoleto (2016), em “O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses” abordam o Projeto “Atividades Circenses para Crianças”, dirigido semestralmente na FEF-Unicamp, para crianças de 8 a 12 anos. Realizaram as atividades durante o primeiro semestre de 2014 e, através de análise documental do plano das aulas, buscaram verificar a eficácia deste programa, tanto para as crianças como para os monitores que participavam dele. Com o envolvimento de mais de 350 participantes e mais de uma dezena de monitores, visava-se proporcionar aos alunos a vivência e conhecimentos das diversas modalidades circenses, com base em uma temática a cada semestre, exemplo: história do circo, temática do período citado. Sobre os benefícios da atividade, citam que afetam “diversos âmbitos, dentre os quais destacamos o âmbito do lazer, o social, o terapêutico, o artístico - profissional e

o educativo (BORTOLETO; MACHADO, 2003 apud BARRAGÁN, RODRIGUES; SPOLAOR; BORTOLETO, 2016). Concluem então afirmando que a experiência dos projetos de extensão é uma rica fonte de aprendizado para os graduandos, assim como um conhecimento profissional que pode agregar valor à carreira dos futuros educadores. Apontam também a grande procura das crianças e dos pais, que mostra que existe grande interesse pela prática circense, porém, devido à falta de recursos, a demanda acaba sendo baixa, o que sugere que demais instituições deveriam compartilhar esta iniciativa com projetos similares.

Por fim, o trabalho “O circo na educação infantil: vivências e representações artísticas” produzido por Vasques, Garbelini e De Marco (2019), voltou-se para o projeto “CRI CRI – Espaço para a Criança Criar: Estudo pedagógico Interdisciplinar da Educação Infantil”, onde participaram 21 crianças, divididas em duas turmas, a primeira composta de 9 crianças de 4 a 5 anos de idade e a segunda por 12 crianças de 3 a 4 anos de idade. Ao início do projeto, foi proposto para as crianças que representassem o que era o circo para elas, através de desenhos, assim tiveram como maior resultado as estruturas externas do circo, como a lona/tenda. Ao decorrer do trabalho, foram desenvolvidas atividades com o intuito de reconstruir a representação do que era o circo realmente, como conhecemos nos dias de hoje. As atividades tinham intuito de proporcionar vivências corporais diversas, desenvolvendo consciência corporal e mostrar como elas podem fazer parte e realizá-las também. Posteriormente a representação que obtiveram voltou-se para os protagonistas e as atividades desenvolvidas, sendo os mais representados: os equilibristas, os malabaristas, os acrobatas, o palhaço, entre outros. Constataram por fim que “A partir das novas produções artísticas é possível identificar novas repercussões na percepção e significação dos elementos circenses, influenciados pela proposta pedagógica realizada em conjunto com as crianças.” (VASQUES; GARBELINI; DE MARCO, 2019, p. 18).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma longa observação dos seis artigos encontrados e analisados, foi possível relacionar estes ao problema de pesquisa inicialmente citado neste trabalho. De acordo com as pesquisas de campo realizadas em cada um dos artigos, é evidente que todos apontaram a favor das práticas circenses com relação ao desenvolvimento motor das crianças, apesar de alguns dos trabalhos não tomarem este quesito como foco e objetivo.

Foi apontado pelos autores uma falta de estudos voltados para uma sistematização e organização pedagógica a fim de direcionar as possibilidades de aplicação desta modalidade, tornando assim a atividade por um lado mais livre, por outro sem muito foco específico, levando a um aprender sem objetivo, ou uma falta de metodologia continuada, dependendo do professor que a aplicará.

Porém, caso o profissional realize um trabalho bem direcionado a partir das práticas circenses, pode-se alcançar muito mais do que o trabalho motor e cognitivo, mas também a desenvolver a autonomia, a criatividade, a expressividade, a colaboração, o respeito, além da formação social do indivíduo, preparando a criança para o mundo.

## REFERÊNCIAS

BARRAGÁN, Teresa Ontañón; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; DUPRAT, Rodrigo Mallet. Las actividades circenses como contenido de la educación física the circus activities as physical education content. **Acciónmotriz**. n. 11, jul/dez, 2013.

BARRAGÁN, Teresa Ontañón; RODRIGUES, Gilson Santos; SPOLAOR, Gabriel da Costa; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. Goiânia: **Pensar a Prática**, V. 19, n. 1, mar, 2016.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre/RS: Artmed, 2011.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A ginástica e as atividades circenses. In: GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas. **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo/SP: Phorte Editora, 2010.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; BARRAGÁN, Teresa Ontañón; SILVA, Erminia. **Circo: horizontes educativos**. Campina/SP: Autores Associados, 2016.

DE MARCO, Ademir. Circo, desenvolvimento e educação infantil. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; ONTAÑÓN BARRAGAN, Teresa; SILVA, Erminia. **Circo: horizontes educativos**. Campinas: Autores Associados, 2016.

DE MARCO, Ademir. As influências da prática da ginástica para o desenvolvimento humano, na infância e na adolescência. In: GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas. **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo/SP: Phorte Editora, 2010.

FERNANDES, Carolina Noronha; MARTINS, Giorgia Enae. Circo da escola: uma experiência de estágio supervisionado em educação física no 1º ano do ensino fundamental. Florianópolis/SC: **Motrivivência**, n. 31, p. 187-191, jul. 2010.

GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas. **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo/SP: Phorte Editora, 2010.

GALLAHUE, David L; OZMUN, John C; GOODWAY, Jacqueline D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7. ed. Porto Alegre/RS: AMGH, 2013.



MAGILL, Richard A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. 5. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

MEDINA, João Paulo S; HUNGARO, Edson Marcelo; DOS ANJOS, Rogério; BRACHT, Valter. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**: **Novas contradições e desafios do século XXI**. 26 ed. Campinas/SP: Papyrus, 2013.

MAEKAWA, M. R. **Arte, Circo e Educação Física**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. **O analfabetismo motor ameaça nossas crianças**. Iniciação Científica Cesumar. 1. ed. Maringá/PR: 2007.

PAOLIELLO, Elizabeth. **O universo da ginástica**. Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral. 2. ed. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2011.

PIZANI, Juliana; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. Cotidiano escolar: a presença de elementos gímnicos nas brincadeiras infantis. Maringá/PR: **Journal of Physical Education**, 2010.

RUSSO, Renata. Do corpo usado ao corpo conhecido: uma reflexão a partir da educação física e da ginástica. In: GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas. **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo/SP: Phorte Editora, 2010.

SANTOS, Cristiane Cassoni Gonçalves; BELLUCI, Kiko; FAJTLOWICZ, Renée; BECHARA, Thiago Sogayar. **A lingual corporal circense: interfaces com a educação e a atividade físic**. 1 ed. São Paulo/SP: Phorte Editora, 2012.

SOMME, Maria Isabel; CAMARGO, Maria Rosa de. **A arte como fomentadora do desenvolvimento humano**: um estudo com adolescentes em Mogi-Mirim/SP. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; BARRAGÁN, Teresa

Ontañón; SILVA, Erminia. **Circo: horizontes educativos**. Campina/SP: Autores Associados, 2016.

TAKAMORI, Flora Sumie; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; LIPORONI, Maikon Oliveira; PALMEN, Mario Johannes Henricus; DI CAVALLOTTI, Thais. Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: um relato de experiência. Goiânia: **Pensar a Prática**. V. 13, n. 1, p. 1-16, jan/abr. 2010.

TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no brasil. Porto Alegre: **Movimento**. V. 25, e25055, 2019.

VASQUES, Hugo Cavalcante; GARBELINI, Giovanna Sayuri; DE MARCO, Ademir. O circo na educação infantil: vivências e representações artísticas. Florianópolis: **Motrivivência**, V. 31, n. 60, p. 01-21, set. 2019.

VENDRUSCOLO, Cinthia Ramos Pereira. O circo na escola. Rio Claro: **Motriz**. V.15, n.3, p.729-737, jul./set. 2009

VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. Campinas: **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. V.25, n.1, p. 9-20, set. 2003.